

MARX E GRAMSCI: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Rennan Andrade dos Santos¹
Fabiano Antônio dos Santos²
PPGE- UFMS/CPAN

Resumo: Este trabalho visa compreender os pressupostos e considerações do método materialista histórico dialético e sua relação com pensamento do autor marxista Antônio Gramsci. A partir de uma pesquisa bibliográfica, embasada em um estudo descritivo crítico de obras clássicas e de produções de grandes comentaristas, tem-se como intenção elencar percepções e implicações do materialismo histórico dialético como método de pesquisa e entender como o italiano Antonio Gramsci utiliza esse método para avançar em percepções relacionadas ao nosso objeto de estudo. Na primeira parte do texto, reflete-se sobre os pressupostos do pensamento marxiano na análise sobre o nascimento da burguesia e de sua ordem econômica, o capitalismo. Em seguida, busca-se elencar algumas considerações a respeito do método materialista histórico dialético. Finaliza-se, apresentando a perspectiva gramsciana sobre o método e sua ampliação sobre os estudos da superestrutura. Conclui-se que um trabalho dessa natureza é um importante e árduo exercício de levar o pesquisador a conhecer o método e o tronco teórico relacionado ao seu objeto de estudo e, de forma geral, contribui-se para um aprofundamento filosófico dentro das ciências sociais.

Palavras-chaves: Materialismo histórico e dialético, pensamento gramsciano, estrutura e superestrutura.

INTRODUÇÃO

No atual contexto político, econômico e social no qual vivemos, assumir uma postura acadêmica crítico-reflexiva é um grande desafio teórico e por que não dizer humano? Tanto por isso, cabe a nós pesquisadores a árdua e desafiadora tarefa da resistência e uma das formas de resistir é a produção de conhecimento científico. Diante da disciplina de Fundamentos Epistemológicos de Pesquisa em Educação, feita no mestrado em educação social da UFMS-CPAN, foi possível nos aproximar de alguns pressupostos científicos que alicerçam a pesquisa nas ciências sociais. Assim, fruto de nossos estudos, buscaremos compreender os pressupostos e considerações do método materialista histórico dialético e sua relação com pensamento do autor Antonio Gramsci.

A partir de uma pesquisa bibliográfica, embasada em um estudo descritivo crítico de obras clássicas e de produções de grandes comentaristas, intencionamos elencar percepções e

¹Pedagogo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. E-mail: rennan.0022@mail.com

²Orientador. Doutor em Educação. Professor Adjunto e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação Docente e Educação (GEPEFE) – UFMS. E-mail: santos.fabianoad@gmail.com

implicações do materialismo histórico dialético como método de pesquisa e entender como Gramsci utiliza esse método para avançar em percepções relacionadas ao nosso objeto de estudo. Cabe salientar que a pesquisa bibliográfica, como aponta Oliveira (2007), é imprescindível para realização dos estudos científicos, visto que leva o pesquisador a entrar em contato direto com as obras e artigos que tratam do tema de estudo.

Assim, nosso trabalho orbitará entre as reflexões dos autores Karl Marx, Friedrich Engels e Antonio Gramsci. Sendo assim, consideramos entender de forma sucinta alguns pontos biográficos de suas obras. Segundo Netto (2006), Karl Marx nasceu em 1818 na cidade de Tréves, no estado de Renânia (atual Alemanha) e morreu, em 1883, na cidade de Londres na Inglaterra. O autor viveu na França e na Bélgica e esteve no exílio Londrino depois de 1850. Sua obra tem ainda hoje um grande acervo sendo compilado e foi fruto de um longo processo de elaboração. O percurso intelectual de Marx se inicia decisivamente em 1841 e estende-se até o início da década de 80, seu pensamento desenvolve-se objetivando compreender a sociedade burguesa. O filósofo, além de um pensador teórico, foi um dirigente revolucionário que acima de tudo lutou pela classe operária da Europa.

Pensando na lógica da obra de Marx, percebemos as contribuições de Engels (1820-1895), que teve crucial colaboração na obra do autor alemão, acompanhando assim, a maturidade de seu pensamento. Essa parceria é evidenciada em 1844/1845, na crítica que os autores fazem à filosofia vigente no texto *Ideologia Alemã* e ganha originalidade em 1847/1848, no manifesto do partido comunista, quando trata do conjunto da sociedade burguesa, chegando a seu absoluto desenvolvimento em 1857/1858, nos manuscritos antecedentes do *Capital*, quando formula as descobertas de seus estudos sobre a sociedade burguesa (NETTO, 2006).

Por sua vez, o autor marxista Antonio Gramsci, segundo Simionatto (2004), nasceu em Alles, na província de Cagliari, na Sardenha, no dia 22 de janeiro de 1891 e faleceu no dia 27 de abril de 1937, aos 46 anos. O pensador italiano foi um dos mais importantes pensadores esquerdistas no século XX, sendo responsável pela elaboração de uma teoria revolucionária comprometida à classe operária Italiana. Grande parte de sua teoria foi gestada durante o período que passou na prisão e aprofundou suas concepções políticas e ideológicas, sendo capaz de produzir suas principais obras, os *Cadernos do Cárcere*. O teórico italiano usa como base os estudos de Marx, mas direciona sua análise para questões como o Estado, cultura e educação.

Ao longo deste trabalho, apresentaremos a contextualização dos pressupostos que envolveram a elaboração do pensamento marxista; bem como teceremos considerações a respeito do método materialista histórico dialético e questões avançadas na teoria gramsciana.

AS RAÍZES HISTÓRICAS DA REFLEXÃO MARXIANA

Pensar sobre a obra de Karl Marx não é tarefa fácil e se torna mais complexa se pensarmos nela de modo isolado, sem levar em conta todo o contexto histórico do qual emergiu. Por isso, nesse primeiro momento, apresentaremos os pressupostos que balizaram os desígnios do autor e alguns pontos de partida que alicerçaram toda sua teoria, além do método desenvolvido pelo expoente do materialismo dialético, fazendo um movimento de compreensão da reflexão de autor a partir de suas raízes históricas. É importante dizer que faremos esse caminho principalmente com base nos livros do autor José Paulo Netto³ (2006; 2011), o qual é um dos maiores estudiosos desse teórico, sendo referência brasileira nos temas relacionados ao marxismo.

O século XIX foi marcado por diversos episódios que constituíram mudanças profundas no arranjo sociocultural para a assim chamada contemporaneidade, mais precisamente a preparação ideológica da revolução francesa e o levante do movimento operário. Esse processo se iniciou provavelmente na Idade Média e levou décadas para concretização na sociedade burguesa decisivamente esquematizada. Essa nova forma de produção definiu as relações de trabalho, modo de exploração da natureza e, por consequência, produziu o acúmulo de capital. Essa mudança ficou conhecida como Revolução Industrial, a qual provocou uma drástica modificação nos sistemas de poder em diversas proporções, é ela que faz nascer o mundo burguês⁴ (NETTO, 2006).

Essas modificações reproduziram tanto no âmbito cultural quanto no artístico, elementos e relações até então nunca vistas, logo, o conhecimento científico da natureza tomou funções rigorosamente conectadas com o modo produção. Como aponta Netto (2006, p. 11), nesse novo mundo, “a economia e a sociedade são organizadas de modo particular, submetidas ambas a uma estratégia global (a da burguesia) e a uma lógica específica (a da valorização do capital)”. Sendo assim, uma nova configuração da vida social surge centrada, sobretudo, na civilização urbana e industrial.

³O autor participa do debate brasileiro e latino-americano sobre tradição marxista e a obra de Marx e Lukács. Para maiores informações, acesse: <http://lattes.cnpq.br/396323137837539>

⁴Este termo é usado por Netto (2006) para explicar a consolidação do capitalismo como ordem econômica e a ascensão da burguesia refletindo seus interesses na sociedade.

A consolidação de toda essa conjuntura burguesa foi longa e sofrida, sua força radical acabou com os modos de vida antigos, superando os controles sociais anteriores. O resultado dessa vitória possibilitou um desenvolvimento humano excepcional, norteando a exploração natural e o acesso a melhores condições de vida por caminhos inconcebíveis. Porém, talvez uma dos preços mais altos a se pagar por todos esses avanços, são as imensuráveis mazelas sociais que, na lógica burguesa, é o valor do progresso (NETTO, 2006).

Depois de todo o processo de concretização do capitalismo, este se afirma com energia máxima no século XIX. No seio da sociedade burguesa, a luta de classes permeia como herança das organizações anteriores e, como afirma Ponce (1995), a luta de classe sempre esteve presente no histórico-universal do mundo. Na primeira metade do século XIX, os embates entre burguesia e proletariado se dão de forma cadenciada, visto que após a revolução francesa, algumas ideias utópicas vieram à tona e colocaram em exposição as reais intenções da postura de opressão da organização social advinda dela mesma. Por outro lado, o processo de tomada consciência do proletariado se deu por diversas etapas, porém, é na revolução socialista que a classe trabalhadora se coloca como sujeito capaz, autônomo histórico e político (NETTO, 2006).

Nesse contexto, surge um pensamento que vai ao encontro da cultura burguesa, pautada na racionalidade que busca eliminar as contradições postas nesse modelo de sociedade; Netto (2006) destaca duas vertentes, a economia política inglesa e a filosofia clássica alemã. O autor salienta ainda que a partir dos acontecimentos de 1848, principalmente no que diz respeito ao revolta operário e a fim de hostilizar a revolta, formaram-se, por parte dos pensadores burgueses, várias ideias acerca de uma proposta restauradora e romântica que buscava o resgate da ordem e que lastima a anarquia advinda da revolução burguesa, sustentando-se nos significados católicos e no seu caráter mítico. Assim,

[c]omo se vê, a evolução do pensamento sobre a sociedade burguesa tem em 1848 um divisor de águas: desde então, ele se fratura em dois campos opostos — o que se vincula à revolução e o que contrasta com ela. Mesmo que este não seja um corte absoluto e que o desenvolvimento de ambos se conecte com insuspeitada frequência, aqueles dois campos delimitam o terreno das grandes matrizes da razão moderna: a teoria social de Marx e o pensamento conservador, produto da conjunção dos veios restauradores e românticos (NETTO, 2006, p. 14).

Esse recorte feito por Netto (2006) mostrou os fenômenos históricos do final da primeira metade do século XIX, principalmente no que diz respeito à corrente cultural e a elementos sociopolíticos; os quais estão ligados e unem-se fundindo o ambiente cultural (o conhecimento produzido pela sociedade) com o mundo do trabalho (os trabalhadores como

autores transformadores), causando diversas dimensões. É nessa conjuntura que Karl Marx edificará sua obra, sendo continuador da herança cultural que o precedeu e, além disso, sendo um dos principais teóricos que buscou, nesse momento histórico, articular o legado cultural produzido até o momento com as manifestações políticas dos trabalhadores. É importante salientar que estes são dois pressupostos que fundamentam a reflexão de Marx (o caráter cultural e político), porém, outro pressuposto que também contribuiu para reflexão do teórico tem caráter mais subjetivo.

Podemos pensar esse ponto subjetivo a partir do surgimento do mundo burguês, visto que diante dele, o homem consegue compreender teoricamente que é um ser social com dinâmica e regularidade diferente da natureza, ou seja, do ser natural (orgânico e inorgânico), sendo assim, a consciência do homem não fica vinculada à natureza, mas é diferente dela, por isso Netto (2006, p. 17) afirma que “é na sociedade burguesa que os homens podem compreender-se como atores e autores da sua própria história”. Porém, a sociedade burguesa ao mesmo tempo em que oportuniza ao sujeito a consciência do ser social, reprime essa tomada de consciência, impedindo a compreensão do desenvolvimento da sociedade, fragmentando-a e deixando-a como caráter alheio ao homem e suas relações.

Portanto, Karl Marx desenvolve a partir desses pressupostos uma teoria social capaz de entender as entranhas da sociedade burguesa, superando o modelo fragmentado de sua realidade. Ou seja, seu objetivo foi compreender a sociedade burguesa, sob a luz da classe trabalhadora, intencionando esse olhar a compreender o ser social no movimento do mundo burguês guiado pelo modo de produção capitalista. O vínculo da teoria de Marx com as ideias do proletariado não são por acaso, pois a obra do autor se consolida no plano conceitual junto ao projeto revolucionário da classe trabalhadora. Assim, a teoria social de Marx é umas das vertentes contemporâneas inauguradas no século XIX (NETTO, 2003).

Percebemos, nessa breve contextualização, os pressupostos que levaram o autor a desenvolver sua teoria social. Vimos que seus objetivos estão intimamente relacionados com o universo que o envolvia e a reflexão de sua obra, levando-o a ser um dos grandes autores das ciências presentes na atualidade.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO DA TEORIA SOCIAL DE KARL MARX

Conforme observado na discussão anterior, percebemos que a teoria desenvolvida por Marx é produto dos dilemas impostos pela sociedade burguesa. Sendo assim, esse estudo não nasce do vazio, suas raízes estão na própria sociedade. Essa proposta é a de perceber que o

mundo tem por base a intervenção social, centrada no caráter revolucionário do proletariado. Diante desses pressupostos, faremos uma breve apresentação do método desenvolvido na teoria social de Karl Marx.

É importante, primeiramente, compreender que, como aponta Netto (2011), o estudo dessa concepção teórico-metodológica tem inúmeras dificuldades, até mesmo pela forma que vem sendo abordada desde sua aceção. Tanto os adeptos, como os contrários a essa teoria, colaboram para desvios e interpretações alteradas do seu sentido genuíno. Grande parte desses equívocos aconteceu graças às influências da corrente teórica positivista; isso aconteceu na segunda internacional⁵ e serviu de influência subsequente para terceira internacional⁶, resultando na ideologia stalinista e em seu caráter totalitário.

O autor afirma ainda, que todo esse movimento culminou em uma revisão simplista da obra marxiana. Essa visão distorcida foi amplamente divulgada como literatura prática do método, entendendo-o a partir de princípios gerais do materialismo histórico e do materialismo dialético, sendo assim, a lógica dialética aplicável a qualquer modelo de sociedade. Dessa forma, com o pesquisador entendendo todos esses princípios simplistas do método, sua pesquisa aconteceria de forma bem-sucedida e não seria necessário se debruçar para conhecer a realidade de forma exaustiva, pois seguindo essa ideia do que seria o método, as respostas já seriam resolvidas. Por isso, é importante nos atentar a qual literatura utilizamos para pensar acerca do método, para evitar possíveis equívocos como o autor bem salientou.

Outros pontos que também devem ser levados em consideração é que o método teve uma longa elaboração teórica de 40 anos, ou seja, a produção da teoria social do autor durou a sua vida toda. E, como já salientamos, Marx se baseou no que já estava sendo produzido cientificamente para fazer suas reflexões. Entre essas produções, podemos destacar a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês como os grandes pressupostos teóricos que foram pontos de partida para o autor estruturar sua obra (NETTO, 2011). Além é claro, do autor Engels, que foi parceiro de trabalho e grande influenciador da teoria de Marx. Ele foi um dos maiores (se não o maior) estimulador dos estudos de Karl Marx, contribuindo para formulações a respeito da economia política, sendo depois da sua morte, um dos maiores divulgadores da obra do pensador. Apesar de Engels compartilhar vários textos em coautoria com Marx e ter influência na construção das ideias do método, Netto (2002) afirma que: “[...] nem toda contribuição de Engels é compatível com o modo de pensar de Marx, eles eram pensadores autônomos”.

⁵“Organização socialista fundada em 1889 e de grande importância até 1914” (NETTO, 2011, p.12)

⁶“Organização comunista que existiu entre 1919 e 1943” (NETTO, 2011, p.12)

Cabe insistir que Marx utilizou os conhecimentos presentes em seu contexto e partiu criticamente deles, porém, essa postura crítica tem o pretensão objetivo de fazer um exame racional e consciente dos fundamentos e limites impostos de todo esse conhecimento acumulado, não para classificar ou recusá-lo, mas para partir dos processos históricos reais. Portanto, o objetivo do autor foi entender a estrutura e a dinâmica da sociedade burguesa. Tal análise foi incessantemente longa, um exemplo disso é que só depois de quase 15 anos do início de seus estudos é que Karl Marx redige os primeiros elementos centralizadores do método (NETTO, 2011).

Ademais, é importante esclarecer que não faremos um estudo aprofundado do método na teoria social de Marx, no entanto, faremos algumas considerações que o pesquisador deve levar em conta ao pensar em uma pesquisa sobre essa perspectiva. Como bem sabemos, o autor não deixou nenhuma obra específica a respeito de seu método, pois ao pensar sobre a teoria, não segue modelos dos legados empiristas e positivistas, que analisam o objeto metodicamente construindo esquemas de explicação de suas formas e de seu movimento visível. Segundo Netto (2011), Marx pensa a teoria como sendo o conhecimento do próprio objeto e, sendo assim, visa compreender a estrutura e dinâmica do objeto como ele é, apartado das intenções do pesquisador. Portanto, “[a] teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa” (NETTO, 2011, p. 21), logo, essa reprodução será mais cristalina a medida que o sujeito se aproximar mais do objeto.

Além disso, é imprescindível pensar que para Marx, segundo Netto, (2011), o objeto existe independente do que pesquisamos sobre ele, ou seja, não depende do sujeito para existir. Um exemplo disso é o objeto que Marx desenvolveu em sua teoria, a sociedade burguesa, que tem existência objetiva, apartada do pesquisador. Usando esse exemplo ainda, a ideia de neutralidade não é considerada nessa perspectiva, visto que a teoria estuda a sociedade em estrutura e dinâmica e todos nós pertencemos à sociedade, isto é, o sujeito está envolvido com o objeto e por isso não é neutro. Sintetizando esses apontamentos, podemos compreender que,

[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou” (NETTO, 2011, p. 22).

A centralidade do método parte da ideia da concepção filosófica de base materialista, isto é, toma a matéria como ponto de partida e chegada de qualquer ser, em contraponto ao posicionamento filosófico idealista, que tem a premissa de entendimento à ideia ou pensamento. Segundo Alves (2010, p. 01),

[p]ara os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que, por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência. O materialismo contrapõe-se ao idealismo, cujo elemento primordial é a ideia, o pensamento ou o espírito.

Atribui-se, ainda sobre o método, um caráter histórico, pois, concebe que a própria história é construtora, através da ação concreta dos seres humanos, do que hoje entendemos e temos como sociedade e política, por exemplo. Além disso, o método é também dialético, atribuição que se deve ao fato de não possibilitar o entendimento dos objetos de análise como acabados e estáticos e sim em unidades contraditórias, movimento contraditório que permite avançar a realidade em um processo histórico. Como podemos observar:

A posição materialista dialética conserva o método dialético na análise, retirando seu conteúdo metafísico, ou seja, modifica o papel do pensamento na determinação do real procurando demonstrar que tal unidade contraditória pode ser descrita e comprovada empiricamente. A pergunta materialista dialética é: se o pensamento determina a realidade, o que determina o pensamento? A própria realidade (ALVES, 2010, p. 05).

Um apontamento importante para compreendermos o método é o conceito de totalidade. Como aponta Netto (2011, p.48), “[...] somente quando uma forma mais complexa se desenvolve e é conhecida é que se pode compreender inteiramente o menos complexo – é o presente, pois, que esclarece o passado.” Essa é uma importante compreensão do método porque representa a ideia de que na forma mais desenvolvida do objeto, encontram-se categorias das formas anteriores. Sendo assim, compreender a totalidade do objeto é imprescindível para entender sua dinâmica completa na mais desenvolvida forma. Para fecharmos as considerações que envolvem o método, trataremos uma passagem do próprio Marx, a qual exprime nossa discussão com maestria.

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em

uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevém então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez (MARX, 1982, p. 25).

Nossa sucinta exposição se inclinou brevemente no que o pesquisador deve entender ao adotar essa perspectiva e esse método para sua pesquisa. Em nosso trabalho de pesquisa, usaremos o método materialismo histórico dialético como fonte de análise e interpretação de mundo. E, assim, esses autores serão balizadores e guias para a sustentação teórica de nosso trabalho dissertativo, a fim de compreendermos melhor a relação entre os Organismos Multilaterais, educação e sociedade.

GRAMSCI E O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO DIALÉTICO

Vimos que o método materialista se caracteriza enquanto um dos mais importantes das ciências sociais na atualidade. Portanto, pensar o método e sua utilização dentro de uma pesquisa em educação torna-se fundamental, pois apesar da intensa tentativa de questionar a contemporaneidade e a capacidade de compreensão da realidade o método materialista histórico dialético continua sendo o referencial teórico que dá conta de interpretar a realidade em sua totalidade, tendo uma visão de mundo completa e apoiada na práxis⁷ (PIRES, 1997).

Sendo assim, Pires (1997) afirma que compreender o método é instrumentalizar-se para inteirar-se das realidades; mas destas é a realidade educacional, posto isso, um dos elementos centrais do método é o trabalho o qual é uma das categorias fulcrais para entender a realidade educacional. Pires (1997) considera, apoiada em Marx que o trabalho, em sentido filosófico, é o ponto que concentra a relação do sujeito com a natureza e com outros sujeitos, sendo assim uma atividade basilar, pois o trabalho torna-se atividade de sobrevivência para produção e reprodução humana, ou seja, a base das relações sociais. Nesse sentido, devemos compreender que a prática em nossa sociedade capitalista toma corpo como meio de exploração entendido de forma econômica e fragmentada, levando o sujeito à alienação e não à humanização. A linha tênue entre alienação e humanização tem relação imprescindível com a educação e, dependendo da intencionalidade, o conhecimento pode ser instrumento de ambos dentro desse contexto. Portanto, “[a] forma histórica de produzir a humanidade chama-

⁷ “O conceito de práxis de Marx pode ser entendido como prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e através de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e consequente da atividade prática - é prática eivada de teoria” (PIRES, 1997, p.86)

se trabalho, assim a centralidade do trabalho nas relações sociais diz respeito também à educação” (PIRES, 1997, p. 91).

Diante desse adendo, é importante salientar que vários teóricos utilizaram o método materialista histórico dialético como forma de interpretar a realidade, no entanto, entendemos que ele precisa, é claro, ser constantemente contextualizado. Dentro das concepções do materialismo histórico dialético, encontramos as contribuições do autor italiano Antonio Gramsci que nos ajudará a entender a totalidade de nosso objeto de pesquisa no mestrado.

Anderson (2004) mostra, ao analisar a história do marxismo, que Antonio Gramsci foi um dos maiores e mais influentes teóricos do marxismo no advento do marxismo ocidental, fazendo parte do segundo grupo de teóricos com mais relevância dentro da perspectiva marxista⁸. O autor destaca ainda que Gramsci tem sua importância, também pelo fato de ter sido o “último pensador a tratar diretamente dos temas centrais da luta de classes em seus textos” (ANDERSON, 2004, p. 96).

Silva e Lima (2016) salientam ainda, que apesar da formação de Gramsci ter uma grande influência positivista, fundamentada na tradição neohegeliana difundida na Itália, principalmente pelos filósofos Croce e Gentil, as referências da obra gramsciana são essencialmente Marx, Lênin e Engels. Posto isso, Simionatto (2004) afirma que entender Gramsci como pensador marxista é fundamental para compreender a grandeza de sua obra, visto que partindo desse pressuposto é possível entender as implicações teórico-práticas de seus estudos, ao passo que desconsiderar essa premissa implica em interpretar a obra desse autor de forma desfigurada.

A obra de Gramsci reflete genuinamente o método materialista histórico dialético, porque expressa, para Simionatto (2004), a visão crítica do real, evidenciando que a realidade é variada e entendendo-a como totalidade, constituída por mediação, processos e estrutura, o que revela suas contradições. Sua reflexão e seus estudos teóricos estão estritamente vinculados à sociedade, ou seja, à realidade concreta. Assim, o estudioso desvende que as relações que compõem o ser social abrangem antagonismos e contradições e isso só é perceptível a partir da reflexão crítica da historicidade do ser social. Diante disso, a autora afirma que “se o pensamento dialético se funda na perspectiva da totalidade e da historicidade, não é outra a proposta do autor em questão” (SIMIONATTO, 2004, p. 36).

⁸O autor classifica desta forma os pensadores marxistas quando atingem, segundo o próprio autor, maturidade intelectual dentro da corrente marxista. O primeiro grupo de teóricos é composto por Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo Trotski dentre outros. Gramsci tem ao seu lado, no segundo grupo, teóricos como Lukács, Adorno, Sartre, Althusser e outros. Para maiores esclarecimentos, consultar a obra completa de Perry Anderson intitulada *Considerações Sobre o Marxismo Ocidental, nas Trilhas do Materialismo Histórico*.

Podemos depreender que Gramsci seguiu o método marxista e não somente discorreu sobre as temáticas comuns à Marx. Coutinho (2011), ao comparar os estudos de Marx e Gramsci, afirma que:

Há entre eles uma relativa continuidade não só no que se refere às temáticas, mas também no método de abordá-las, continuidade assegurada pelo empenho constante que Gramsci herdou de Marx, ou seja, o de inserir na dimensão da totalidade e da historicidade os muitíssimos fatos particulares de que trata (COUTINHO, 2010, p. 19).

Por sua vez, Simionatto (2004) esclarece que, apesar da obra gramsciana não apresentar árduo debate sobre os pressupostos econômicos e suas determinações, sendo estes a base da teoria marxiana, encontramos nos estudos teóricos do autor italiano elementos que nos auxiliam a compreender a realidade na contemporaneidade. Portanto, na concepção da autora, “Gramsci considera que a esfera econômica já havia sido estudada suficientemente por Marx e Lênin e parte desse estudo para pensar outras questões constitutivas da realidade social” (SIMIONATTO, 2004, p. 37).

Um dos pontos de originalidade e de centralidade dos estudos de Gramsci é perceber as outras relações que se entrecruzam como a realidade do ser social, entendendo a relação dialética entre estrutura e superestrutura. Marx (1982), na obra *Para a Crítica da Economia Política* (1859), no trecho já referenciado anteriormente, ratifica que a totalidade das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade e, sobre essa base estrutural, ergue-se uma superestrutura (com todas as outras relações que cercam o ser social, sejam elas de natureza jurídica ou políticas). Gramsci não abandona essa premissa, mas partirá dela para desenvolver outras relações. Há três aspectos que podem expressar a reflexão gramsciana sobre a temática: a relação dialética entre estrutura e superestrutura; a determinação central da estrutura e o significado da superestrutura para a compreensão da dinâmica social.

Para o autor, essa relação dialética é entendida como “bloco histórico”. Este seria “unidade entre natureza e espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos” (GRAMSCI, 2000b, p. 26). Nesse sentido, essas duas dimensões compõem a realidade social concreta e, mesmo uma sendo alicerce da outra, não se pode minimizar e nem desconsiderá-las, visto que elas compõem a totalidade da realidade social. Como afirmamos anteriormente, Gramsci não abandona o sentido de estrutura (princípio da teoria marxista) em seus estudos, isso pode ser visto em muitas passagens de sua obra *Os cadernos do cárcere*. O teórico entende que o componente determinante do bloco histórico é sem dúvida a dimensão estrutural, como podemos observar, para ele o “conjunto complexo e contraditório das superestruturas é o reflexo do conjunto das relações sociais de produção” (GRAMSCI, 2000b,

p. 250). Diante disso, o autor indica que o primeiro elemento a ser considerado no processo de análise é a dimensão da estrutura objetiva e, só depois, torna-se viável analisar e avaliar a relações políticas (ou seja, relações de superestrutura).

É importante ressaltar que esse entendimento é radicalmente dialético. Não compete, nesta perspectiva, a possibilidade de interpretação mecânica da relação que se constitui entre o determinante central, que seria a estrutura, e sua representação, a superestrutura. Segundo Gramsci (2001, p. 238), “[a] pretensão [...] de apresentar e expor qualquer flutuação da política e da ideologia como uma expressão imediata da infra-estrutura deve ser combatida, teoricamente, como um infantilismo primitivo [...]”. Dito isto, abrimos passagem para o terceiro aspecto que gostaríamos de salientar, o significado da superestrutura na formulação gramsciana.

Para o autor italiano, a superestrutura, na totalidade do bloco histórico, mesmo não sendo pressuposto determinante, não se caracteriza como simples apêndice da estrutura. Logo, essa possuiria movimento e características próprias, devido as suas conexões com dimensão objetiva da realidade social. Portanto, é na superestrutura que se manifestam as contradições da estrutura, tornando diante disso, viável sua resolução a partir da práxis (GRAMSCI, 2001, p. 250-251). O teórico ratifica ainda que é nessa dimensão que os sujeitos tomam percepção de sua posição social e de seus objetivos (GRAMSCI, 2001). Percebe-se que a definição de superestrutura na teoria gramsciana toca, de forma geral, na centralidade que essa dimensão assume para aprofundar as reflexões sobre política na essência da herança marxista, ou seja, “Gramsci coloca na crítica ontológica de outras esferas do ser social que não a estritamente econômica” (SIMIONATTO, 2004, p. 37).

O centro da obra do teórico italiano está justamente em seus estudos a respeito dos fenômenos superestruturais e podemos entender, como esferas dessa superestrutura, a cultura, a educação e a política. Sendo assim, nosso objetivo vai orbitar essa discussão, na busca de entender em que medida as políticas públicas são direcionadas para educação no interesse estrutural de atender em linhas gerais as mudanças econômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir um trabalho dessa natureza nos traz muitas inquietações, sobre o quão profundo e vasto é o oceano da ciência e o quão forte é a percepção de que quanto mais sabemos, mais aumenta a sensação de que se sabe pouco. Vale salientar que ter uma disciplina no programa de pós-graduação que provoque essas reflexões teóricas é determinante para o processo de pesquisa, visto que nos permite conhecer diversos caminhos teóricos presentes

nas pesquisas sociais, oportunizando também elencar qual fundamento epistemológico é o mais coerente para o objeto de pesquisa, além de como desenvolvê-lo relacionando-o ao nosso objetivo. O exercício de escrever sobre o método inicialmente foi muito desafiador, no entanto, nos permitiu iniciar o vínculo do método com a teoria que melhor se aproxima de nosso objeto de pesquisa. Sabemos que essa escrita foi um raso exercício de exposição teórica e, como nossa pesquisa está em andamento, nosso objetivo é aprofundar várias questões pinceladas nessa redação.

Por fim, podemos concluir que mesmo sob a crescente pressão social que envolve as ideias marxistas, usaremos o método materialista histórico dialético como visão de mundo, complementada pelos conceitos gramscinianos relacionados à educação e política pública. Ademais, evidentemente, faremos uma análise crítica do atual contexto econômico relacionado à educação. Além disso, podemos destacar alguns conceitos que aprofundaremos em nossa temática, são eles: Hegemonia, Filosofia da práxis, Estado, Sociedade Política e Civil, Revolução Passiva, Intelectuais e Partido; estes serão base de análise das relações que envolvem nosso objeto de estudo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental nas trilhas do materialismo histórico**. Introdução Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALVES, A. M. O Método Materialista Histórico Dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 09, n. 01, p. 01-13, 2010. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/74/214> . Acesso em: 02 jan. 2018.

COUTINHO, C. N. **Gramsci; Um Estudo Sobre Seu Pensamento Político**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2012. p.121-156.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, vol. 2.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b, vol. 3.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 1.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo. Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

MARX, K. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

NETTO, J. P. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006

NETTO, J. P. **O método em Marx**. Curso: —Método em Marxl, proferido pelo Prof. José Paulo Netto – Professor titular da UFRJ, o curso foi ministrado em 2002 na pós-graduação em

Serviço Social da UFPE. Disponível em:

http://www.youtube.com/watch?v=tTHp53Uv_8g&list=PLDA073072E8011665 último acesso em 10/01/18 às 07h45min.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIRES, M. F. C. Education and the historical and dialectical materialism. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997.

PONCE, A. **Educação e Luta de Classes**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, P. T. S.; LIMA, Í. A. **Gramsci e o método materialista histórico dialético**. Anais da Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci. 2016

SIMIONATTO, I. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFS: São Paulo: Cortez, 2004.